

A REDESCOBERTA DO DO ALEMÃO

Operação policial e obras do PAC levam apreensão e expectativa às 13 comunidades que o poder público esqueceu

Thiago Prado

thiago.prado@odianet.com.br

■ Treze comunidades compõem, na Serra da Misericórdia — entre os bairros de Ramos, Penha, Olaria, Inhaúma e Bonsucesso —, um reduto aonde o poder público só costuma chegar com tiros e Caveirões. É esse universo abandonado e ainda pouco conhecido, chamado Complexo do Alemão, que receberá, em março, as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Apesar da expectativa, a tentativa de melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano na região, o pior da cidade (0,711), ainda desperta dúvidas e medo nos maiores beneficiários do projeto: os moradores.

Um passeio pelas vielas de acesso à Favela da Grota, em Ramos, e o simples contato com a população revelam o temor sentido com as declarações de guerra contra o tráfico feitas por autoridades re-

centemente. “Já decidi que não vou deixar meu filho ir ao colégio quando começarem as operações”, conta, apavorado, o vendedor Marcos de Souza, 45 anos, morador do complexo desde que nasceu.

A atitude tem uma explicação: a Secretaria de Segurança já anunciou que ocupará o Alemão nos próximos meses com pelo menos três mil homens para garantir a execução das obras. A Força Nacional de Segurança (FNS) já está a postos na Estrada do Itararé desde outubro.

III AULAS PREJUDICADAS

Todo esse aparato tem como objetivo neutralizar o principal reduto de armas da facção criminosa mais poderosa do Rio — o Comando Vermelho (CV). Na maior investida contra a quadrilha, em junho, 19 pessoas morreram durante megaoperação das polícias Civil e Militar.

“Ano passado, milhares de crianças perderam aulas na região pelo medo de tiroteios e

falta de docentes. Este ano, podemos ter os mesmos problemas nas cinco escolas e seis creches que temos aqui dentro”, revela uma professora municipal, que prefere não se identificar. Em uma delas, o ano letivo começou em julho.

A dificuldade de acesso da população aos serviços mais básicos se reflete nas estatísticas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que existem 9.340 (mais de 10% da população estimada pelo IBGE) analfabetos no Alemão e que apenas 10,8% da população completaram o Ensino Médio.

III DESAMPARO NA SAÚDE

O difícil é saber sobre que bases esses dados foram obtidos e se eles estão, de fato, corretos. O mesmo instituto informa, por exemplo, que a região tem apenas 62.086 habitantes. Já a 29ª Região Administrativa da prefeitura estima que vivem nas favelas do Alemão 268 mil pes-

soas. Há até associações de moradores que elevam o número para mais de 300 mil.

“A confusão como são apresentados os dados estatísticos e de serviços explica a escassez de informações. Os dados não são focalizados, não se correspondem”, afirma Rogéria Nunes, coordenadora do Centro de Promoção da Saúde do Unicef.

Na saúde, o drama é ainda maior. Cinco postos municipais são responsáveis por cobrir todo o Alemão com 15 equipes do Programa Saúde na Família. O complexo tem baixa expectativa de vida: 56 anos. Jovens convocados pelo tráfico, que morrem em confrontos com a polícia ou rivais, derrubam ainda mais a esperança de longevidade.

Em um ambiente onde o Estado deixou este vazio social, há espaço fértil para a exploração da fé. Pelo menos 30 igrejas evangélicas estão instaladas no Alemão. A prefeitura acredita que esse número possa estar subestimado. ■



Força Nacional já está a postos em acesso à Grota. Pelo menos três mil policiais ocuparão o complexo para garantir as obras

SÓ OITO MIL MORADORES RECEBEM O BOLSA FAMÍLIA

■ O maior programa social do País, o Bolsa Família, ainda não conseguiu focar toda a população pobre do Alemão. Dados da Secretaria de Assistência Social, da prefeitura, mostram que apenas duas mil famílias recebem o benefício na região — ou seja, cerca de oito mil pessoas são atendidas.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de 2003 atestava, no entanto, que o complexo possui 29,4% dos moradores vivendo abaixo da linha de miséria (19.877 pessoas). A prefeitura nega que haja assis-

tência abaixo do necessário.

"Tem muita gente que passa fome aqui dentro. Em vez de construir teleférico, podiam investir em educação, saúde e geração de renda", defende Jefferson Ribeiro, de 29 anos, morador da Favela Nova Brasília, em Inhaúma.

Além do polêmico teleférico, o canteiro de obras prometido para este ano contemplará os moradores do Alemão com duas escolas — uma técnica e outra infantil —, creche, posto de saúde, área esportiva, pavimentação e alargamento de ruas. A reurbanização ainda prevê

melhorias no serviço de água e esgoto, coleta de lixo e iluminação.

Mas nem sempre o Alemão foi sinônimo de esquecimento. A região já foi importante pólo industrial e comercial da cidade até o início da década de 80. A partir de então, a ocupação desordenada dos morros desvalorizou imóveis e espantou empresários.

Já o nome do Alemão vem da década de 20, quando um polonês chamado Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu terras na região. Em pouco tempo, o europeu ficou conhecido co-

mo alemão. Hoje, a comunidade, definitivamente, já não é mais a mesma. Historicamente controlado pelo Comando Vermelho, desde os tempos de um dos seus fundadores, Orlando Jogador, o complexo ainda hoje mantém a mesma facção no poder, mas sob nova liderança: o traficante Antônio de Souza Ferreira, o Tota, um dos bandidos mais procurados pela polícia do Rio.

Investigações feitas pela polícia indicam que o bando conta com um exército de 300 homens armados com 250 fuzis e 300 pistolas.

CONTINUA NA PÁG.15 »»

SEGURANÇA

Favelas vizinhas órfãs de obras

Complexo da Penha reclama que PAC não chegará ao local

CONTINUAÇÃO »

■ Muitas vezes confundido com o Alemão, o Complexo da Penha reclama que não receberá um centavo do PAC. Apenas em uma segunda etapa, ainda sem previsão para acontecer, os moradores poderão ser contemplados com algumas obras de urbanização.

“Esqueceram da gente, uma comunidade enorme, com mais de 100 mil habitantes. Ficamos do lado do Alemão e temos os mesmos problemas de lá”, reclama o líder comunitário da Favela Vila Cruzeiro, Edmundo Santos Oliveira, de 51 anos.

O Complexo da Penha é composto por 10 comunidades: Fé, Paz, Chatuba, Sereno, Caixa D'Água, Caracol, Gro-tão, Vila Cascatinha, Merendiba e Vila Cruzeiro. O Alemão é formado por Grota, Nova Brasília, Alemão, Alvorada, Alto Florestal, Itararé, Baiana, Mineiros, Esperança, Joaquim de Queirós, Cruzeiro, Palmeiras e Adeus. Pedreira no fim da Rua da Cascatinha, na Penha, separa os complexos.

»» PAC NA ROCINHA

O PAC já tem data para chegar à Zona Sul, mais precisamente à Rocinha. A favela será beneficiada pelo programa na mesma época em que o Alemão: em meados de março. Sua ocupação será feita de maneira inversa à do Alemão. Primeiro, a Rocinha receberá as ações sociais que o PAC prevê, para depois a polícia entrar em operação. As duas ações serão divididas em dois momentos — a entrada da polícia ainda não está definida.

Os trabalhos começarão pela parte de baixo. “A favela já tem vários programas sociais funcionando ali. Esse processo que vamos adotar lá é mais fácil porque na parte de baixo do morro não há tráfico. Essa tática é impossível no Alemão. Essa é a maneira que temos de ocupar as duas comunidades ao mesmo tempo”, disse o secretário-executivo do Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronas), delegado Zaquieu Teixeira. ■